

TEACHING SELF(IE): O ATELÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO COMO LOCUS DA MINHA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA PROFISSIONAL

DENIELLEN KRAMMER¹; ANA PAULA ALBA WILDT²; ANA PAULA ALBA WILDT³

¹Universidade Federal do Rio Grande – deniellenkrammer@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – awildt@furg.br

³Universidade Federal do Rio Grande – awildt@furg.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo contribuir com os estudos de formação de professores de Língua Inglesa, na perspectiva da Pesquisa Narrativa e da Pesquisa (Auto)Biográfica.

Para tanto, apresentarei uma reflexão sobre como a escritura e a socialização das minhas narrativas autobiográficas no *Ateliê Biográfico de Projeto* (DELORY-MOMBERGER, 2006), implementado em uma turma de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), vêm promovendo a *tomada de consciência* (JOSSO, 2004) sobre a construção do meu *teaching self* (DANIELEWICZ, 2001) e ajudando a (re)desenhar a minha identidade profissional.

2. METODOLOGIA

Desde os anos 90, a *virada biográfica* vem possibilitando compreender as trajetórias, as experiências e os projetos dos sujeitos da educação a partir de suas narrativas autobiográficas (PASSEGGI et al., 2011).

O *Ateliê Biográfico de Projeto* (ABP) consiste em uma metodologia e prática de investigação-formação mediante a escritura e a socialização de narrativas autobiográficas. De autoria da pesquisadora e professora francesa Christine Delory-Momberger, diferentes adaptações do *Ateliê* vêm sendo implementadas nos mais diferentes contextos (empresas, escolas, universidades...) em todo o mundo. Clandinin e Connelly (2015), expoentes da Pesquisa Narrativa, entendem que o exercício de escritura das narrativas autobiográficas possibilita compreender e (re)significar a *continuidade* (DEWEY, 1938) das experiências sob uma perspectiva êmica, isto é, a partir do ponto de vista do próprio sujeito da autobiografia, pesquisador de si, acerca do seu processo de construção identitária profissional. De acordo com NEVES; FRISON (2016),

na metodologia dos Ateliês Biográficos de Projetos, há a compreensão do sujeito enquanto autor de sua própria formação na criação de momentos e procedimentos de formação como meios para que os sujeitos reinscrevam sua história na direção e na finalidade de um projeto. Nesta perspectiva, o sujeito inaugura uma relação reflexiva com as suas próprias experiências, através da construção narrativa de si, fundando um futuro do sujeito e fazendo emergir seu projeto pessoal (p. 3).

Juntamente com sete colegas, participei da adaptação do ABP durante os encontros do componente de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa, no âmbito do último ano do curso de Licenciatura em Letras -

Português/Inglês da FURG. Essa adaptação do ABP da qual participei é um recorte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na Linha de Pesquisa “Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem”, sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena Menna Barreto Abrahão, e foi dividida em três momentos ou *cenas* (MARINAS, 2007; ABRAHÃO, 2014).

Em um primeiro momento (Cena 1), após a exibição e discussão do filme “O Sorriso de Mona Lisa”, que retrata os movimentos da construção identitária profissional de uma libertária professora de Arte em uma tradicional universidade só para moças nos anos 50, eu e meus colegas fomos motivados a narrar em nossos memoriais as nossas experiências de vida e formação, bem como a refletir sobre as aulas observadas e ministradas durante o período de estágio em escolas públicas da região, produzindo nossas narrativas individualmente. Escolhemos nomes fictícios e celebramos uma espécie de “contrato oral”, em que ficaram estabelecidas algumas regras de confidencialidade e as instruções para a escritura das narrativas e o andamento do *Ateliê Biográfico de Projeto*. Em outro momento (Cena 2), nós compartilhamos oralmente as nossas narrativas, dialogando com nossos pares sobre as experiências pessoais e institucionais (na educação básica, na faculdade e como professores-estagiários de Língua Inglesa) previamente articuladas na escrita. A função de *escriba* (DELORY-MOMBERGER, 2006) foi dividida entre alunos e professora. A professora tomava nota dos aspectos mais relevantes de cada narrativa compartilhada e mediava as interações da turma. Nessas interações, nós fazíamos perguntas e solicitávamos esclarecimentos e modificações nas narrativas dos colegas quando necessário.

Por fim (Cena 3), nós reformulamos nossas narrativas mediante a socialização de memórias antes reprimidas e/ou omitidas na escrita, a partir das interfaces que emergiram entre as nossas próprias narrativas e as narrativas dos colegas e das intervenções do grupo, em um processo de (re)significação coletiva das vivências individuais e de articulação das experiências narradas com os nossos projetos profissionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a primeira narrativa autobiográfica, usei um nome fictício que já revelava um pouco sobre o meu *self*: Potter Gilmore. A escolha desse nome se deu não só porque sou uma aficionada por séries de TV, mas também em virtude de uma memória afetiva: quando criança, uma das oportunidades que eu tinha de passar mais tempo com minha mãe era assistindo a filmes em inglês. Essa memória afetiva transformada em bagagem cultural desempenhou importante papel na minha decisão pela faculdade de Letras e pela docência em Língua Inglesa, embora, assim como muitos de meus colegas também deixaram claro em suas narrativas, esta não tenha sido a minha primeira opção.

No *Ateliê Biográfico de Projeto*, eu e meus colegas pudemos perceber que trazemos conosco marcas profundas deixadas pelos nossos professores e pelas experiências apreendidas na escola e na faculdade. Essas marcas e experiências, que no ABP (re)significamos como *formadoras*, *deformadoras* e *transformadoras* (JOSSO, 2006), vêm ajudando a desenhar os movimentos de construção das nossas identidades e os nossos projetos profissionais.

Conforme explica BRAGANÇA (2016),

a identidade se afirma como processo que se reconstrói ao longo do percurso de vida, em continuidades e rupturas, uma identidade aberta e

movente. Assim, o trabalho biográfico se coloca como elemento fundamental na construção do projeto de si (p. 335).

Nessa direção, ao refletir sobre as minhas experiências como aluna na educação básica e no ensino superior, imagens da professora que quero ser e da professora que não quero ser emergiram. A partir da minha participação no ABP, tracei como projeto ser a professora que motiva os alunos, aquela que jamais permitirá que eles subestimem a própria capacidade e a do colega, aquela que sempre os ouvirá, porque, refletindo sobre meu tempo de aluna, compreendi a real importância de abrir espaço para o diálogo dentro e fora da sala de aula. A professora que não quero ser é justamente aquela que pude reconhecer em algumas memórias da educação básica, minhas e de meus colegas: a que grita para ser ouvida, que deixa a sala de aula com uma energia negativa, que pensa já saber tudo e não ter mais nada a aprender, pois já conseguiu o diploma. Tal como escrevi em minha narrativa, minha imagem de professora de inglês é aquela que vive cercada por livros e dicionários, e que, mesmo depois de formada, independentemente do tempo, continua estudando e se atualizando para qualificar suas aulas. É uma professora que vai além, que não fica só nos dicionários, nas informações dos livros didáticos ou acorrentada a uma gramática.

Durante o ABP, entendi que essa imagem de professora de inglês que projeto para meu futuro profissional também deriva de alguns aspectos metodológicos das aulas de Língua Inglesa que tive e que emergiram nas minhas narrativas: a monotonia dos mesmos conteúdos ano após ano, os temidos ditados, a repetição e a interminável cópia do quadro... Em oposição ao que as minhas narrativas de aprendizagem de Língua Inglesa refletem sobre o ensino que tive, não quero ver meus futuros alunos frustrados: quero sentir o conhecimento transitar pelo espaço da sala de aula.

As observações em sala de aula que tenho feito no componente de Estágio Curricular em Língua Inglesa têm me mostrado que muita coisa ainda precisa mudar para que narrativas de aprendizagem diferentes das minhas sejam produzidas. Ao mesmo tempo, prestes a assumir a turma de estágio, penso que é o meu momento de fazer diferente, de trabalhar para que outros desfechos dessa mesma história sejam possíveis.

4. CONCLUSÕES

A minha participação no *Ateliê Biográfico de Projeto* (DELORY-MOMBERGER, 2006) durante os encontros do componente de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa me ajudou a dar sentido à *continuidade* (DEWEY, 1938) das minhas experiências de formação.

Ao olhar para a minha própria trajetória de formação e narrar as minhas experiências, pude *tomar consciência* (JOSSO, 2004) e refletir sobre a professora de Língua Inglesa que venho me tornando, (re)significando, assim, o meu projeto de vida e profissão. Nesse sentido, o ABP constituiu em um locus de autorreflexão e autoformação em que meu passado, meu presente e meu futuro se entrelaçaram para evidenciar os movimentos da construção do meu *teaching self* (DANIELEWICZ, 2001), isto é, da minha identidade profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O studium e

o punctum possíveis. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I.; ARAÚJO, M. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014, p. 57-77.

BRAGANÇA, I. F. S. A formação de professores em trabalhos apresentados no Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B.; BARREIRO, C. B. (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica**. Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 321-340.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DANIELEWICZ, J. **Teaching selves: identity, pedagogy, and teacher education**. Albany: SUNY Press, 2001.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-370, maio/ago. 2006.

DEWEY, J. **Experience and education**. New York: Collier Books, 1938.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

MARINAS, J. M. **La escucha en la historia oral**. Palabra dada. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

NEVES, J. G.; FRISON, L. M. B. A praticabilidade da teoria e a teorização da prática: os ateliês biográficos de projeto na educação popular. In: **VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, Cuiabá, 2016. Anais do VII CIPA, Cuiabá: UFMT, 2016. v. 1. p. 1-17.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, vol. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.